



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

## **A Mediologia Das Práticas Culturais: Da Transmissão à ‘Mise En Scène’ Das Festas Do Reinado Mineiro<sup>1</sup>**

**Tháise Valentim Madeira<sup>2</sup>**

**Professora da Católica de Vitória – Centro Universitário.**

### **Resumo**

Este artigo tem como proposta identificar as festas e festivais enquanto espaços de circulação de bens culturais voltados ao consumo, mas também lugares de reconhecimento e representação de grupos culturais marginalizados. Através da mediologia, disciplina criada por Régis Debray, analisamos os discursos dos representantes das festas de Reinados em Minas Gerais, a fim de apontar seus lugares de fala, enquanto atores sociais no processo de “mise en scène” da tradição de origem africana. Assim, suas práticas festivas se configuram como meio de transmissão das crenças, doutrinas e valores dos grupos representados, transformando suas forças simbólicas em forças materiais, os sujeitos em atores sociais, e dispositivos midiáticos em aparelhos de memória.

**Palavras-chave:** Festas; Cultura; Reinados; Mediologia.

### **1. Festas de Congado ou Celebrações de Reinado?**

No início dos anos 90 a iniciativa de promover as festas e festivais se amplifica no cenário mundial evidenciando estes eventos enquanto espaços de criação e circulação de produções culturais tradicionais e contemporâneas, mas também onde circulam bens de consumo dessas mesmas culturas. Como Isabelle Garat (2005) acrescenta, as festas e festivais promovem “a imbricação estreita dos campos econômico, político e cultural transforma o sentido da espetacularização”<sup>3</sup>. As festas e festivais se tornam a vitrine das cidades - numa rede que transcende as fronteiras locais, e das coletividades.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação, Consumo e Identidade: materialidades, atribuições de sentidos e representações, do 7º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 10 e 11 de outubro de 2018.

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação Social - PPGCOM/UFMG, em cotutela com a Universidade Sorbonne Nouvelle - Paris III. Professora da Católica de Vitória, Centro Universitário. thaisevalentim@yahoo.com.br.

<sup>3</sup> “l’imbrication étroite des champs économique, politique et culturel transforme le sens de la mise en spectacle de la ville et de ses habitants”. Tradução livre.



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

As festas e festivais, bem como os lugares nos quais eles se desenvolvem – a exemplo das cidades históricas – são objetos de consumo e representam tanto uma fonte econômica quanto política para as coletividades locais. Eles não se caracterizam mais como um tempo de ruptura, de desvio da ordem social: ao contrário, no regime festivo, no qual festas e festivais estão intimamente ligados, a busca é de coesão social, oferecendo assim à sociedade a imagem inversa da fratura e da desintegração de um laço social.<sup>4</sup> (GARAT, 2005, p. 643).

Estudos recentes sobre o caráter espetacular das festas e festivais consideram sua grande influência na esfera cultural pública. Jean-Louis Fabiani (2012) associa os festivais de cultura a uma esfera de intervenção crítica, na qual uma audiência engajada e vigilante encontra nesses eventos uma ferramenta política de afirmação identitária e territorial. Os festivais, segundo o autor, contribuem para configurar um lugar de crítica social.

Como fenômeno cultural, as festas e festivais têm dupla função: inscrever um acontecimento num espaço-tempo, através de um discurso representacional do grupo que organiza a manifestação, e em retorno, contribuir ativamente com todas as construções sociais, devolvendo ao grupo as marcas de sua identidade cultural, edificada no momento das festividades.

Sendo um catalisador do caráter ideológico da comunidade que as realiza, as festas reforçam o imaginário coletivo, reafirmando certos valores específicos do grupo que as produz. Momento de encontro e partilha, as festas permitem às coletividades de reconhecer similitudes e se mobilizarem para construir e reforçar uma identidade comum. A mesma identidade que os reúne também os separa e os diferenciam de outros grupos culturais e do público leigo.

A esfera local é percebida, em todas as discussões sobre a gênese desses fenômenos espetaculares, como o ponto de partida para criação de um lugar de fala próprio e característico de uma comunidade. Os festivais, bem como os megaeventos, exprimem a grandeza de um lugar, sua efervescência, como citou Fabiani (2012), no sentido que Durkheim dava às emoções coletivas suscitadas por cerimônias religiosas nas sociedades arcaicas. Tais fenômenos transformam espaços ordinários em locais remarcáveis, que acabam se transformando em espaços de memória e de consumo cultural.

Minas Gerais se tornou um espaço de memória das festas negras, as festas dos Reinados de Nossa Senhora do Rosário, hoje conhecidas como Congado Mineiro. No Dicionário da Religiosidade

---

<sup>4</sup> "Les fêtes et festivals, ainsi que les lieux dans lesquels ils se déroulent – par exemple les centres anciens – sont des objets de consommation et représentent une ressource économique autant que politique pour les collectivités locales. Ils ne constituent plus des temps de rupture, de détournement de l'ordre social : bien au contraire, sous le régime festif où sont étroitement entremêlés fêtes et festivals, la recherche est celle de la cohésion ou de la mise en spectacle de la cohésion sociale, offrant ainsi à la société l'image inverse de la fracture et du délitement du lien social". Tradução livre.



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Popular (2013), o frei Francisco Van der Poel traz as concepções mais modernas sobre a definição de Congado: “Nome genérico para grupos que celebram *Nossa Senhora do Rosário dos homens pretos* e/ou *São Benedito*” (POEL, 2013, p. 242) - (grifos do autor). O Congado faz parte de uma “*Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos*”, que reúne irmãos e devotos, que organizam festas e louvam o rosário de Maria.

Atualmente, em Minas Gerais, foram identificados 1052 grupos que realizam Festas de Nossa Senhora do Rosário (irmandades, guardas, reinados, ternos, bandas), divididas em 327 municípios do estado, de acordo com um levantamento preliminar feito pela da Superintendência Regional do IPHAN em 2013. No Norte de Minas, nove municípios possuem congadas ; no noroeste de Minas, 19; na Zona da Mata, 37 ; no sul e sudoeste, 57 ; na região central, 14 ; no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, 33; na região metropolitana de Belo Horizonte, existem 75 ; em Campo das Vertentes, 27 ; no oeste de Minas Gerais, 34 e no Jequitinhonha existem 15 grupos de Congado ou variações (Moçambique, Catupé, Marujos, etc)<sup>5</sup>. Dos 1052 grupos, 614 deles possuem o Congado como expressão festiva.

As festas do Congado são reveladoras de um processo de inserção das celebrações da religiosidade popular no âmbito da indústria do espetáculo. As festas transitam entre as celebrações tradicionais, relacionadas à ancestralidade, e ao mesmo tempo aos aspectos contemporâneos das festas urbanas, organizadas, financiadas por instituições públicas e privadas.

O termo “Congado Mineiro” foi adotado nos anos 50 para caracterizar, de forma abrangente, o que eram as festas de reis negros que aconteciam em Minas Gerais. Como modo de sobrevivência e desenvolvimento dos rituais afro-descendentes, representantes de Reinados e instituições públicas reuniram todas as festas numa só rubrica: Congado Mineiro. Desta forma, era garantida a aceitação (e o controle) das festas pelas instituições civis e religiosas, que em contrapartida promoviam e divulgavam as manifestações, ressaltando seu caráter alegórico e regional.

Em 1948 foi criado o Diretório Central dos Congados e Marujos de Minas Gerais – que se tornou Federação dos Congados de Minas Gerais, e em seguida Associação dos Congadeiros de Minas Gerais. O Estatuto da Associação de 1973, diz: “As festividades e promoções públicas devem ter assistência das autoridades civis, militares e eclesiásticas.” (Portaria Nº 4, ARTIGO 5º, § único).

<sup>5</sup> Dados fornecidos por Corina Maria Rodriguez Moreira, supervisora da superintendência regional do IPHAN em Minas Gerais, no evento “Voices dos Mestres 2013 – Seminário do Congado de Belo Horizonte”, realizado na sede da Funarte, na capital mineira, entre os dias 04 e 06/12/2013.



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Neste documento podemos perceber os laços estreitos entre as festas (já cunhadas como Festas do Congado Mineiro), e as instituições governamentais, religiosas e cívicas.

Politicamente o termo Reinado foi substituído por Congado, e como qualquer estratégia de promoção destinada a construir uma identidade regional coletiva, alguns grupos se sentiram excluídos desse processo, mesmo que indiretamente tivessem sido beneficiados pelas intervenções e investimentos públicos em “cultura tradicional”.

A visibilidade adquirida pela exploração das festas, cada vez mais midiáticas, não é sinônimo, apenas, de reconhecimento. Os “povos sem rosto”, como designa Didi-Huberman (2011, p. 67) “a classe oprimida, exposta a desaparecer ou subexposta nas representações consensuais da história”, estão sujeitos à sombra do esquecimento, ou à superexposição dos holofotes dos espetáculos. De acordo com o autor, de uma maneira ou outra, o destino dessas pessoas é sempre o desaparecimento.

Teremos um dia de questionar a simetria que, vista de longe, reúne as censuras que emanam de sistemas políticos que se proclamam opostos: de um lado, os rostos velados; do outro, os rostos afectados. De um lado, os rostos em guerra santa voltados à explosão, à chama; do outro, os rostos numa santa apatia voltados à implosão, às cinzas dos píxeis ou da neve eletrônica (DIDI-HUBERMAN, 2011, p.43).

Seja pela exibição, esquecimento ou subversão, grupos culturais marginalizados se manifestam ao mesmo tempo em que deixam algo na invisibilidade. “Povos afectados: há quem ouse falar – antífrase cínica ou inconsciente? – de *direito à imagem*. A imagem mantém certamente uma relação antropológica de longo prazo com a questão do direito civil, do espaço público, da representação política.” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p.43). Pois é justamente este direito discursivo sobre sua própria imagem que os “filhos do Rosário”, dançantes e festeiros chamados de “Congadeiros” têm reivindicado.

A caracterização do ator social por si próprio mostra que, ao longo da história, ele sempre foi sujeito, mas foi só no discurso que ele se revelou socialmente. Como assinalou Núbia Gomes e Edmilson Pereira (1988, p. 41), “Entendemos que o homem se faz ao lançar-se sobre o outro, obtendo desta interação subsídios que promovam sua alteridade no meio em que vive”. Quando os “povos sem rosto” tomam para si seus lugares de fala, eles encontraram formas de negociação entre seus interesses, e o interesse dos outros.



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Hoje, para os integrantes dos Reinados, a repetição aleatória do termo Congado Mineiro reduz a complexidade das celebrações, e reproduz um erro. Reinado diz respeito a uma comunidade que abriga um ou mais grupos (ou guardas) de dançantes (Congado, Moçambique, Marujada, entre outros). É sinônimo de Irmandade, e tem um significado íntimo de aliança, associação, parentesco, pertença, enquanto Congado Mineiro reflete o caráter musical, festivo, espetacular das celebrações.

Embora as festas e festivais sejam espaços dinâmicos, que exercem uma grande influência na representação social dos Reinados, as festas também podem ser vias de promoção de ideias, valores e crenças dos grupos culturais marginalizados. Atualmente os Reinados adaptam suas práticas festivas à outras formas de sociabilidade, realizando manifestações públicas, se relacionando com outros grupos, comunidades e profissionais do espetáculo, através de dispositivos midiáticos, para além da oralidade, que cercava as formas de transmissão da cultura tradicional.

Através das festas do Rosário, o negro ressurgue no cenário contemporâneo, dialogando com seus ancestrais, transcendendo os limites materiais, espaciais e temporais da criação e reinterpretação dos momentos festivos. Para os integrantes, a festa é um espaço de vivência de todos os mundos, presente, passado e futuro. O passado se eterniza na construção do congadeiro de hoje e de amanhã, os homens e mulheres festejam e dançam, carregando consigo o histórico de uma realidade social ainda viva e latente.

A partir da mediologia, percebemos os discursos de singularidade que transitam nos Reinados, que hoje representam os “povos sem rostos”, e com eles, o desejo de sair do obscurantismo. A mediologia nos mostra o que foi transmitido de uma época cultural à outra, como essa mensagem foi construída, e por que ela se revela progressivamente, afirmando que hoje, para além dos Congados, existem os Reinados, que são a riqueza dos festeiros.

## **2. A Mediologia, Para Uma Análise Da Transmissão Cultural**

Em diferentes épocas da história, como a humanidade transmite suas crenças, valores e doutrinas? Quais são as estratégias? Existem barreiras à essa transmissão? O que é essencial para que ela ocorra? O “século das mediações tecno-culturais”, como foi classificado por Régis Debray o nosso tempo atual, impõe uma reflexão técnica, política e moral sobre o poder dos meios de transmissão de mensagens, trabalho da mediologia.



O princípio desta disciplina é, segundo Regis Debray<sup>6</sup>, a substituição uma palavra pela outra. ‘Comunicação’ por ‘mediação’, o que não equivale de forma alguma à “estudos dos media”, nem “estudo das mídias”, embora no Brasil, a tradução do termo seja “midiologia”. Isso porque, no país, fez-se uma adaptação fonética e gráfica do termo “média”, para “mídia”, derivação do anglicismo *mass média*. O português europeu, por sua vez, conservou a forma latina “média”<sup>7</sup>.

Chamo de “midiologia” a disciplina que trata das funções sociais superiores em suas relações com as estruturas técnicas de transmissão. Chamo “método midiológico” o estabelecimento, caso a caso, de correlações, se possível verificáveis, entre as atividades simbólicas de um grupo humano (religião, ideologia, literatura, arte, etc.), suas formas de organização e seu modo de coleta, arquivamento e circulação dos vestígios. Como hipótese de trabalho, considero que este último nível exerce uma influência decisiva sobre os dois primeiros. (DEBRAY, 1995, p. 21)

As questões principais do autor se estruturam de maneira particular. “Não se trata de formular a questão: “este pensamento é o produto de quê?”, mas “O que é que produziu efetivamente?”. Nem tampouco “De onde vem tal informação e o que significa?” mas “o que é que essa nova informação transformou no território mental de determinada coletividade e de seus dispositivos de autoridade?” (DEBRAY, 1995, p. 17). Com isso, decifra-se “como as formas simbólicas tornam-se forças materiais” (*Ibidem*).

Neste sentido, nos perguntamos o que as festas do Reinado trazem como repertório cultural que justifique sua existência na contemporaneidade. Se o Congado Mineiro se construiu como uma estratégia política de afirmação sociocultural, como os grupos se articulam hoje para promover os aspectos míticos e ritualísticos durante as festas públicas? Como tais elementos simbólicos são transformados em *mise en scène* da tradição ancestral?

<sup>6</sup> Regis Debray nasceu em Paris, em 1940. Entre 65 e 67 esteve em Cuba, participou de guerrilhas ao lado de Che Guevara e foi prisioneiro dos militares bolivianos de 1967 à 1971. Na década de 80 foi assessor de assuntos estrangeiros do presidente francês François Mitterrand. filósofo de formação, se consagrou aos estudos sobre as mediações. Apresentou o neologismo “midiologia” em 1979, em “*Le pouvoir intellectuel em France*”, e posteriormente desenvolveu o conceito, principalmente, em “*Cours de médiologie générale*”, (1991), “*Manifestes médiologiques*” (1994), “*Transmettre*” (1997), “*Introduction à la médiologie*” (2000) – todas as obras traduzidas em português. O autor foi também responsável pelas revistas “*Cahiers de médiologie*”, “*Médium*” e “*Les cahiers de médiologie*”.

<sup>7</sup> Encontra-se portanto, no Brasil, o termo midiologia, um representativo de “mediologie”. Adotaremos, entretanto, o termo português “mediologia” (exceto nas citações diretas de outros autores, onde a publicação privilegia o termo “midologia”), já que o autor problematiza: não se trata apenas de uma mera palavra, mas de uma filosofia, a filosofia da mediação, que transcende a filosofia da comunicação. “Medio” não é o mesmo que mídia e nem médium. Equivale a “um conjunto dinâmico dos procedimentos e corpos intermédios que se interpõem entre uma produção de signos e uma produção de acontecimentos (DEBRAY, 1995, p.28), incongruente com estudos sobre comunicação de massa.



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Mais do que revelar um objeto cultural, quando ele colocado na perspectiva de uma *mise en scène*, ele sai do mero campo da revelação, para explorar sua existência dentro da condição de ser performático, atrativo e visível. A *mise en scène* da festa tradicional não tem, necessariamente, a finalidade de transformar o sentido da festa em espaço de consumo, mas pode trazer essa transformação como consequência, ao apresentar uma outra forma de experiência das celebrações ditas tradicionais.

Segundo Debray, o ponto de partida para pensar essas questões é a ideologia, melhor dizendo, a “des-ideologia”, como sugere o autor. Cada análise mediológica demanda uma abordagem específica, uma busca de vestígios simbólicos que determinaram a dinâmica do pensamento e suas relações com a técnica de transmissão de ideia em cada contexto da história cultural de cada sociedade. Esta dinâmica está intrínseca nos mitos, crenças e doutrinas, no que ele chama de “forças materiais”, escondidas por trás das ideologias.

De acordo com ele, é preciso ofuscar (não apagar) os mecanismos de crença e clarear aqueles que se propõem a uma análise das formas de transmissão cultural ao longo do tempo. Saindo do campo ideológico, é possível adentrar no campo dos acontecimentos – não desvalorizando a força da ideologia, mas encarnando-a, a fim de compreender suas formas de atuação.

Assim, estas festas religiosas, que atualmente buscam a (re)denominação de Festas de Reinado, trazem consigo aspectos da vida social herdada do período da escravidão, que permeia a vida do negro na atualidade, revelando elementos místicos que os ligam aos seus ancestrais: “Daí a importância de se compreender o rufar dos tambores sagrados que (...) nos fala da mancha indelével da escravidão, das forças místicas que guiaram seus caminhos e, porque não, da reinstalação do reino negro no Brasil” (BARBOSA, 2008).

Assim sendo, os signos que estruturam a representação do Congadeiro na atualidade, penetram, efetivamente, o homem espiritual, ligando-o aos seus ancestrais, fazendo dele um irmão do Rosário. Hoje chamamos de tradicional a música realizada pelo Congado, mas o repertório executado dentro de um Reinado, seja por um grupo de Congado ou outro, é um modo de comunicação com os antepassados, e por isso, cumpre uma função ritualística, como nos mostra Isabel Cassimira, representante do Reinado Treze de Maio:

(Isabel Casimira) - Nesse penúltimo encontro que a gente teve em Diamantina, um... um grupo cantou, porque pediu licença para o tio, uma música sagrada. E aí ele contou que aquela



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

música sagrada era a música que mostrava a travessia, e ainda falou assim “Ela é a música da travessia”, que é da hora que ele (o africano/escravo) entrou no porto lá em Angola e chegou aqui no Rio de Janeiro, chegou aqui em São Paulo, chegou aqui em... em Bahia, entendeu? É o canto da travessia. É aquele canto que conta o espaço de tempo daquele período. Porque a hora que eles entraram naquele navio, todo mundo era irmão. Cada um de uma nação, de uma nação africana, mas se tornaram irmãos de nação ali, que são os malongos, os irmãos de barco, não é? que eles se tornam irmãos por iniciação, aquele conjunto de pessoas que ficou naquele momento, naquele ritual, eles são irmãos de barco. E esses irmãos de barco remetem àquele barco negreiro, navio negreiro que saía de lá e chegava aqui. Então, aquele canto era da travessia. Com o dizer da travessia, porque não é canto que você canta toda hora, porque é um canto triste. É um canto que você canta que dói lá dentro, você lembra daquilo, você sabe o que aquele pessoal... você sente o que que é aquele negócio. (...) Aí nós já tínhamos que cantar, nós já tínhamos combinado com a mamãe o que é que tinha que cantar. A mamãe foi cantar, só que ela cantou em português. (...) Depois cantou, explicou, falou. Quando já tinha passado, que fez aquelas perguntas todas, estudante é ótimo para perguntar, né? Perguntou tudo, daí minha mãe falou assim “Ó, agora nós temos que cantar e mandar meus irmãos de volta, que eles estão tudo lá no barco esperando”. (...) Como se ela tivesse chamado, eles tivessem feito a travessia e estivessem ali com a gente. (...) Por quê? Porque à medida em que você vai fazendo, as... as conversas vêm passando, a sua mente vai lembrando, às vezes, você acha que é seu mesmo, que você que está lembrando disso e daquilo e, às vezes... com o tempo você entende que não é você, é induzido. E, às vezes, mais para frente você entende que mesmo você estando pensando nisso e aquilo, você não pode falar isso naquele instante, porque você está nessa e naquela situação. Aí a mãe cantou de novo para eles retornarem e para o barco voltar. Foram... para o lugar de origem deles. Quer dizer, eles estão lá e estão cá, estão aqui e estão lá. (...) É uma festa de ancestralidade pura! Pura, que você não esquece do seu tata de jeito nenhum. Você pode não falar nele “Ah, que saudade do vovô, mas você fala nas coisas dele, no jeito que ele falava, nos trenzinhos de uma coisa e de outra. Então, estão sendo sempre reverenciados. Por quê? É uma luta constante. E te dá o sentido de não estar sozinha, né? De ter responsabilidade, de não derrubar o que não foi você que construiu, de manter o que já está construído, de não deixar cair a árvore que não foi você que plantou... (CASIMIRA, 2013).

Ainda hoje, nas práticas festivas dos Reinados, a oralidade é principal forma de iniciação dos integrantes mais novos aos rituais. A sabedoria passada pela história oral antecede a transcendência, pois conhecendo sobre o seu passado, pode-se “toca-lo”, e tocando-o pode-se aprender sobre suas origens e transmiti-la, como num ciclo, que liga o mundo terreno ao mundo espiritual. Se a ligação com os antepassados não existe, não há transmissão de conhecimento. Nos termos da mediologia, o mediador toma o canal e determina a natureza da mensagem, sendo ele incorporado e determinante no processo de transmissão cultural.

O meio é um ambiente onde há circulação, ao mesmo tempo em que dita o sentido dos vestígios, promovendo, igualmente com a interferência do mediador, a organização social dos eventos. A fixação dos sentidos se dá através de uma lógica regulada pelos operadores sociais da





**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

transmissão, um espaço elaborado à partir de elementos que legitimam, ligam, se apropriam e credenciam a mensagem.

Através das alegorias, dos sons, movimentos, e batidas dos instrumentos, os atores sociais encontraram a forma de convocar não apenas o público, mas de reunir aqueles que partilham do mesmo universo cultural. Além de ser um vetor de convergência, meio de criação, recriação e transmissão da tradição, a festa cumpre o papel comunicacional, convocando a memória coletiva eventos do passado, projetando-os na atualidade, revestidos de sentidos e valores.

### **3. A Mediologia, Um Retorno à Ancestralidade**

Podemos perceber a construção da mediologia constantemente no universo das festas de Reinado, graças ao desejo de existência e resistência das festas no cenário contemporâneo. O tempo entre o acontecimento simbólico o acontecimento material, corre dentro da mídiasfera, espaço onde se reagrupam os tipos de transporte de mensagens e de ideias, passando da logosfera, com os canais da oralidade, à grafosfera, da escrita e por conseguinte à videosfera, por meio dos suportes audiovisuais. Cada uma dessas esferas possui funções mediadoras próprias, e juntas formam um trajeto não linear e não temporal (“mídiospaço”) do tecno-cultural, da cultura ao maquinismo e vice-versa.

Cada esfera contém um aparelho de memória, inclusive o suporte técnico o tem. O trajeto entre as esferas é indicado pela memória da mídiasfera precedente, mas entre uma e outra, o caminho nem sempre é determinado, pois cada uma das esferas possui uma autonomia própria, embora nossa percepção englobe o conjunto delas, cada uma unida ao seu complemento, formando um contexto de mídiasferas único. A transmissão cultural dos fundamentos de um Reinado passa certamente pela oralidade, mas não somente por ela, visto que os aparelhos de memória precisam estar em sincronia com as experiências vividas e com revolução mediológica:

Os pequenos dançadores ouvem atentos referências sobre o que não entendem: a vida na roça. Mais tarde, em outros serões, entre outras gentes, eles contarão coisas contadas por seu avô, por seus tios e por seus pais. Só da terra é que nunca falarão. Porque jamais se fala do que nunca se viu, do que nunca se sentiu, do que nunca se amou. (RIBEIRO, 1959, p.15).

As clivagens entre logosfera, grafosgera e videosfera mostram as sutis diferenças entre as mídiasfera, mas não a superposição de uma sobre a outra, nem a anulação de uma em detrimento a outra. Ao contrario, uma reativa a outra constantemente. “Com certeza, não há um jogo com perdedor



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

e ganhador entre escrito e oral, porque existem várias espécies de escrita e de oralidade, selvagem ou ritual, individual ou coletiva, induzida ou não por uma leitura, etc.” (DEBRAY, 1995, p. 51).

Por isso, segundo o autor, a midiasfera 3 (videosfera) pode estar mais perto da midiasfera 1 (logosfera) que da 2 (grafosfera). O audiovisual retoma um certo tipo de oralidade, embora menos mística e mais pragmática, e ao mesmo tempo “reequilibra o vestígio impresso”, ou seja, a midiasfera 3, pode-se dizer, prolonga o universo da logosfera, reforça o da grafosfera, e é por si só um outro espaço, diferente dos outros dois citados. Esse ziguezague no universo das midiasferas quebra com o pressuposto que as telecomunicações que configuraram o *mass* mídia tornaram obsoletos os outros modos de transmissão de enunciados.

Nas Festas de Reinado, há muitas produções sonoras e audiovisuais que foram registradas, principalmente, à partir dos anos 50. Em 2002, a Guarda de Moçambique Treze de Maio lançou um CD duplo, com gravações feitas durante a 58ª festa de Nossa Senhora do Rosário. No encarte do CD, identificamos, primeiramente, que esta festa se encontra no momento da globalização, no qual os recursos midiáticos são acionados para valorizar a festa tradicional, que não deixa de ser tradicional mesmo existindo num ambiente urbano e moderno, absorvendo as mudanças que o tempo infere.

Além disso, também percebemos que este CD foi elaborado para um público específico, mas que a estrutura de transmissão das festas, entre os seus representantes, é independente, de certa forma, do registro sonoro, pois é a oralidade o canal de transmissão da herança cultural, e é em primeiro lugar, para os antepassados que a festa se realiza, e não para o público.

Mas ao mesmo tempo, vemos que o momento dos ensaios feitos para a elaboração do registro sonoro, promoveu o fortalecimento dos propósitos do grupo Treze de Maio. E durante a gravação do CD, também foi necessário utilizar a criatividade para lidar com o improviso, que não era aquele vivenciado até então nas outras festas. De alguma maneira, o uso dessas estruturas técnicas da transmissão promoveu o diálogo entre os músicos, e fez circular as mensagens culturais de outras épocas:

O material que compõe este disco foi basicamente captado durante a 58ª Festa de Reinado da Guarda de Moçambique treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário, no ano de 2002. Esta celebração se repete, com as transformações decorrentes dos imponderáveis do tempo – ninguém está morto, pelo menos não estão o Reinado e a Guarda de Moçambique Treze de Maio - , há quase 60 anos, no bairro Concórdia, em Belo Horizonte, uma cidade grande, ambiente urbano e moderno.

Na dinâmica de gravação do disco, fizemos a tentativa de acompanhar todas as etapas da festa, e na medida de nossas possibilidades técnicas e nosso fôlego, registrar as canções conforme



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

iam se apresentando. Portanto, o que aqui, neste CD, dá-se aos ouvidos, é, na verdade, outra coisa bem mais ampla e complexa. Este disco, (será preciso lembrar?) é uma festa! Não há apenas música nele. Não apenas música tal como nos habituamos a ouvi-la, gravada no ambiente asséptico e controlado do estúdio. Música, claro, mas também dança e reza. Isso porque a música da festa se inscreve num cerimonial no qual se exige muita etiqueta e sofisticação: tudo tem seu momento apropriado, lugar apropriado e é executado por pessoa apropriada. (...)

A festa propriamente dita é apenas a parte espetacular de uma maneira de ser, estar e se afirmar no mundo, para um grupo de pessoas. As razões da festa não se encontram tão somente nas relações objetivas e concretas que estavam no cotidiano; o que importa, finalmente são os laços constituídos com os que estão. São as divindades os verdadeiros convidados desta festa, é para elas que se voltam ou se devotam todas as atenções e horarias. (...) Nesse sentido, a festa compõe o cenário de atualização de um sistema religioso pleno de relações humanas e mudanças, como também extra humanas e sagradas. (...)

Talvez este trabalho seja uma forma de preservação da raça êxul, sem manietar ninguém. É o passado da história no futuro dos descendentes ameaçados de extinção etnocultural. E compreender, nesse contexto, a lágrima e a dor em nosso cotidiano e fazer da lágrima e da dor, forças restauradoras de nós mesmos. (...) (Guarda de Moçambique Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário, 58º Festa, 01 a 15/02/2002, Tupatoo Studio, 2002, CD1 e CD2)

Inerente as todas as mídiasferas está a informação. Por si só ela é inexistente. É entre o emissor e o receptor que ela ganha forma, é modificada e circula de uma lado a outro, instantaneamente (os autores estão co-presentes nas duas extremidades), interpessoalmente (realização de duas pessoas) e coletivamente (as pessoas são organizações sociais, indivíduos coletivos). Na travessia há conflito, barreiras e jogos de autoridade e dominação. Por isso, o ato de transmitir também é apaziguante, lembra Debray, isso porque na transmissão tenta-se acabar com os ruídos, com a inércia, com os outros transmissores e destinatários que coexistem no processo.

“Transmitir é organizar e organizar é hierarquizar. Portanto, necessariamente, também excluir e subordinar”. (DEBRAY, 1995, p. 64). A Decodificação dos signos na tradução das mensagens é vista pelo midiólogo como “intermediário instituído”, aquele que finaliza a mensagem e fixa a interpretação sobre a mesma, instituindo-a, além de transmiti-la. Este processo é não horizontal, e sim desnivelado, porque o emissor e o receptor não estão na mesma posição, e justamente por isso a mensagem ganha crédito. É institucionalizada porque um polo está no plano superior e outro no inferior – acertando uma relação de poder entre ambos.

Eis aí a distinção entre o semiólogo e o mediólogo: “O midiólogo não é obrigado a colocar a questão da legitimidade. Contata que, toda estratégia de interpretação está subordinada a uma estratégia de apropriação: trata-se de uma operação política, e por conseguinte, de uma exclusão”.



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

(*Ibidem*, p. 93). E o problema não está em interpretar bem ou mal um objeto, mas como servir-se desta interpretação, sabendo que ela é objeto de poder e legitimação.

Percebemos hoje que, na medida em que os Reinados são confrontados às novas formas de representação, eles são levados automaticamente a refletir sobre suas práticas festivas. Tradicionalmente, bastava se reunir e louvar à Nossa Senhora do Rosário, em cerimônias que interessam única e exclusivamente aos escravos, e apenas estes participavam, não existindo assim um público para a festa. Hoje, na época da globalização, os atores da festa são confrontados com o interesse cada vez maior de uma audiência ávida por consumo de bens culturais.

Ocasionalmente, os músicos das guardas são convidados a participar de eventos que fogem aos rituais realizados dentro do Reinado, como o “Vozes dos Mestres”, “Mestres do Mundo”, entre outros encontros nos quais eles vão “expor” suas tradições. Tais convites podem ser vistos como forma de valorização do saber musical, porque eles têm boa voz, ou porque tocam bem um instrumento, normalmente a caixa. Mas, como podemos ver no exemplo abaixo, há também um certo prestígio acrescentado ao fato de que esses personagens são representantes da cultura popular, “legítimos”, “autênticos”. No relato fornecido por Antônio Cassimiro ele conta sobre um convite para integrar o coral do Palácio das Artes, em Belo Horizonte:

(Antônio Cassimiro) – Então, cheguei lá, ele apresentou o titio, me apresentou também e tal, aí foi... Aí a professora lá, a professora do coral da mesmo?

(Isabel Cassimira) – Humm, humm. Do Palácio das Artes.

(Antônio Cassimiro) - Do Palácio das Artes. Aquela coisa toda das criancinhas lá, aí fui apresentado lá “Esse é o capitão” e eu disse “Eu não sou capitão, não”. Mas é aquela coisa, eu tenho mania de me desvalorizar muito, eu não acho que eu coisa... Mas como a Belinha falou, a gente faz uma coisa há tanto tempo, já vem fazendo desde criança, a gente não notou que a gente tem esse conhecimento que a gente está passando e que as pessoas estão aprendendo com a gente. A gente não vê a “mestralidade” na gente. “Mestralidade” existe, posso falar, né?

(Isabel Cassimira) – Pode falar, sim. (CASSIMIRO, CASSIMIRA, 2013)

De acordo com o Regys Debray, a midiologia vai além do envio de mensagem por meio de um canal, pressuposto central da comunicação, cujos receptor é, segundo o autor, atomizado. Há de se considerar, para além dos estudos das mídias, do presente ao passado, a existência de meios simbólicos de transmissão e circulação de mensagens, que agem de forma plurilateral, incluindo sujeitos ativos, capazes de articular e gerar efeitos reais para o patrimônio cultural de seus sucessores.

A primeira [comunicação] é pontual ou sincronizante – trata-se de uma trama: uma rede de comunicação religa, sobretudo contemporâneos – um emissor a um receptor, presentes nas duas extremidades da linha. A segunda [transmissão] é diacrônica e caminhante – trata-se de uma trama – além de um drama – ela estabelece ligação entre os vivos e os mortos, quase sempre na ausência física dos “emissores”. (DEBRAY, 2000, p. 15)



Transmitir e comunicar, segundo Debray, são processos que partem do mesmo princípio, mesmo que tenham outras nomenclaturas – fonte, emissor, sinal, receptor, destino. Embora percorram diferentes caminhos, e busquem diferentes respostas, pelo ponto de partida comum, podemos dizer que, em contextos específicos, é possível colocar as duas disciplinas em perspectiva. Ambas promovem um certo tipo de organização social, “que têm no emprego dos meios de comunicação sua expressão mais evidente, ainda que para a Mediologia este último conceito tenha uma acepção mais ampla do que em Comunicação” (MARANHÃO, 2013, p. 166). Ana Carolina Maranhão acrescenta que, é no modo de olhar para o aparato técnico que repousam as divergências:

O que vemos é que a Mediologia, em algumas partes do texto de seu criador, desconsidera os meios de comunicação como objetos técnicos capazes de transmitir ideias, pensamentos e o legado simbólico. Em outros momentos, e de forma mais branda, o autor lança um olhar transversal sobre os meios e os insere dentro do aparato técnico que sustenta o fazer mediológico. Mas acima de tudo é possível vislumbrar um papel bastante estimulante junto à pesquisa em Comunicação. (MARANHÃO, 2013, p. 267)

Como pudemos perceber, a premissa da mediologia é a união dos meios técnico e simbólico. Engloba, além dos meios de comunicação de massa, outros tipos de “tecnologias da memória”, capazes, num espaço-tempo entre o passado, presente e futuro, alterar a lógica do pensamento:

Puxar o *signo* para o *vestígio*, o *discurso* para o *percurso*, a *interpretação* para a *instrumentação*, o *texto* para o *documento*, a *escrita* para a *inscrição*, a própria *comunicação* para as *vias de comunicação* (estradas, canais ferroviários), a *oralidade* para a *vocalidade*, a *memória* para as *memórias*, ou suportes materiais de vestígios, com as *mnemotécnicas* ou procedimentos de codificação e estocagem a que estão conectados (literais, analógicos, digitais, etc). (DEBRAY, 1995, p. 72)

Podemos dizer que Debray considera como importante da midiologia o exercício prático do olhar. Desta forma, se olharmos para os objetos concretos e estabelecidos, as instituições, temos a festa do Congado Mineiro. Mas, para além de objetos, devemos enxergar estas práticas culturais enquanto suporte, caso “os espíritos de um época contrastam-se tanto em seus objetos quando em suas obras”. (DEBRAY, 1995, p. 102).

#### 4. Considerações Finais

Existe um tipo de evolução inerente a qualquer forma cultural, porque as próprias transformações sociais apontam caminhos para a adaptação e sobrevivência dessas formas culturais face a novos contextos. As festas dos Reinados estão intimamente imbricadas à esse contexto de mudança, e possuem, nelas mesmas, um caráter de continuidade histórica, que não caminha necessariamente no mesmo ritmo das mudanças contextuais, mas que estão pertinazmente no cerne



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

dessas transformações, mantendo reminiscências de um período e readaptando-as em outro.

Estas festas são formas tradicionais de expressão cultural de grupos marginalizados que numa inversão social se tornaram emblemas de uma nova sociedade, na qual eles anunciam seus valores. O que aconteceu durante essa inversão social? Não se pode dizer que o que existia enquanto festa, não acontece mais. Mas é possível afirmar que, o modelo de festa tal qual os grupos experienciavam antes, a forma como as práticas culturais se desenvolveram, mudou e está em constante mudança. É possível afirmar ainda que graças a essas mudanças, os Reinado ganham, estrategicamente, visibilidade, e por isso podem inculcar seus valores enquanto grupos sociais.

### Referências

BARBOSA, José Henrique Mota. **A mediologia das práticas culturais** [Tese de doutorado] : da transmissão à mise en scène da cultura tradicional no processo de festivalização, Belo Horizonte, 27/08/2008.

CASIMIRA, Isabel, CASSIMIRO, Antônio, **A mediologia das práticas culturais** [Tese de doutorado] : da transmissão à mise en scène da cultura tradicional no processo de festivalização, Belo Horizonte, 16/05/2011.

CASIMIRA, Isabel, **A mediologia das práticas culturais** [Tese de doutorado]: da transmissão à mise en scène da cultura tradicional no processo de festivalização, Belo Horizonte, 07/12/2013.

DEBRAY, Régis. **Manifestos midiológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

\_\_\_\_\_. **Introdução à mediologia**. Lisboa: Livros Horizonte, 2000.

DIDI-HUBERMAN, George. Coisa pública, coisa dos povos, coisa plural. in **A República por Vir** : Arte, Política e Pensamento para o Século XXI, ed. Leonor Nazaré e Rodrigo Silva. Lisbonne : Fondation Calouste-Gulbenkian, 2011, p.41-70.

FABIANI, Jean-Louis. **Les festivals dans la sphère culturelle en France in Festivals et sociétés en Europe XIXe-XXIe siècles**, sous la direction de Philippe Poirrier, Territoires contemporains, nouvelle série - 3 - mis en ligne le 25 janvier 2012.? URL : [http://tristan.u-bourgogne.fr/UMR5605/publications/Festivals\\_societes/JL\\_Fiabani.html](http://tristan.u-bourgogne.fr/UMR5605/publications/Festivals_societes/JL_Fiabani.html).

GARAT, Isabelle. La fête et le festival, éléments de promotion des espaces et représentation d'une société idéale, **Annales de géographie** v.3, n° 643, p. 265-284, 2005.

GOMES, Nubia, PEREIRA, Edimilson. **Negras raízes mineiras: os Arturos**. Ministério da Cultura, 1988.

MARANHAO, Ana Carolina Kalume. **Mediologia: a epistemologia da comunicação em Régis Debray**, dissertação de mestrado PPG/FAC, 2008. Disponível em [http://bdt.bce.unb.br/tesdesimplificado/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=3193](http://bdt.bce.unb.br/tesdesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3193). Visto em 10/02/2014.

POEL, Francisco Van Der. **Dicionário da religiosidade popular**. Curitiba: Editora Nossa Cultura, , 2013.



COMUNIC**ON**2018  
congresso**internacional**  
**comunicaçãoeconsumo**

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO